

O PÓS-POSITIVISMO NA GEOGRAFIA HUMANA ¹

CARLOS NUNES SILVA ²

O livro de Richard Peet «*Modern Geographical Thought*» constitui uma contribuição relevante para a história do pensamento geográfico contemporâneo, escrito por um dos geógrafos mais profundamente envolvido nos debates teóricos dentro da disciplina, sobretudo nos anos 70. Há três aspectos que importa desde logo reter nesta obra: o primeiro é o facto de Peet escrever de um ponto de vista politicamente comprometido, em segundo lugar, o facto de apenas mencionar os trabalhos de um número reduzido de autores, tomados como exemplos dentro de cada um dos paradigmas e, em terceiro lugar, esta é uma História centrada na bibliografia anglo-americana.

O livro está organizado em 8 capítulos cobrindo especialmente o debate pós-positivista na Geografia Humana, dando-nos uma boa síntese das principais posições. Cada capítulo começa com uma introdução às bases filosóficas das diferentes posições que dominaram o debate nos anos recentes e termina com uma avaliação, onde o autor expressa o seu ponto de vista. O livro inclui no fim uma extensa e útil lista de referências bibliográficas.

No capítulo 1 – *Introduction: Geography, Philosophy and Social Theory* (pp. 1-33) – Peet faz uma introdução aos conceitos básicos e à relação entre Geografia, Filosofia e Teoria Social e apresenta as questões chave nas discussões contemporâneas sobre o pensamento geográfico. Faz uma síntese geral das principais posições desde von Humboldt até David Harvey, cujo livro – *Explanation in Geography* – é considerado como o fim da Geografia ideográfica, funcionando assim como uma introdução ao período que o livro aborda – o pós-positivismo.

No capítulo 2 – *Existentialism, Phenomenology, and Humanistic Geography* (pp. 34-66) – Peet trata da Geografia Humanista incluindo um grande número de referências dos principais autores: Ley, Samuels, Entrikin, Relph, Yi-Fu Tuan, Powell, Buttimer, entre outros, e uma discussão detalhada da filosofia existencialista desde as suas raízes com Kierkegaard e Heidegger até Sartre, Jaspers,

¹ Richard Peet (1998) – *Modern Geographical Thought*. Blackwell, Oxford. 342p. (ISBN 1-55786-378-4).

² Professor Auxiliar da Universidade de Lisboa. Investigador do CEG. Centro de Estudos Geográficos, (Endereço do CEG no início do volume). E-mail: carlos.silva@fc.ul.pt

Gabriel Marcel e Maurice Merleau-Ponty. Faz também uma resenha rigorosa da fenomenologia, sua definição, principais autores, de Franz Brentano a Edmund Husserl, bem como a fenomenologia existencialista de Heidegger, Merleau-Ponty e Sartre, e as consequências que teve na Geografia. Para ilustrar o impacto na Geografia, Peet põe em evidência os trabalhos de Edward Relph, especialmente *Place and Placeness*, o livro *Topophilia* de Yi-Fy Tuan, os trabalhos de Anne Buttimer e do seu discípulo David Seamon (*A Geography of the Lifeworld*) e os de David Ley no domínio da geografia social urbana.

No capítulo 3 – *Radical Geography, Marxism, and Marxist Geography* (pp. 67-111) – Richard Peet faz uma descrição detalhada do desenvolvimento da Geografia Radical e do contexto em que se desenvolveu. Partindo da rejeição da Geografia Quantitativa e da Geografia Humanista devido ao que considera ser a sua irrelevância, o novo paradigma aponta para novas questões sociais. Desde os primeiros trabalhos de Morrill, Albaum e dos que foram publicados na revista *Antipode*, novos temas e abordagens foram fazendo o seu caminho: pobreza urbana e regional, discriminação contra as mulheres e grupos minoritários, acesso desigual aos serviços sociais, subdesenvolvimento, etc. Somente mais tarde e, segundo Peet, com relutância, é que a Geografia Radical se tornou numa Geografia Marxista durante a década de 70. A ênfase foi colocada em novos temas de investigação e na sua relevância social e não tanto no materialismo e na dialética: imperialismo, relações de género, ambiente. Nos primeiros anos era frequente recorrer a diferentes fontes da teoria política, incluindo o anarquismo, com base na obra de Kropotkin, com o objectivo de construir uma alternativa ao capitalismo. O trabalho inicial de Myrn Breitbart, em 1975, é um exemplo destas ideias. Por isso, a Geografia Radical conduz a uma ideia muito diferente de sociedade e de organização espacial da que se verificou na ex-União Soviética.

Mas, rapidamente foi «disciplinada» de várias maneiras, como demonstra Peet. Nos anos 70, a crítica radical sofreu uma segunda transformação através da utilização das ideias marxistas. O livro de Harvey – *Social Justice and the City* – constitui uma ruptura com a teoria e prática liberal em direcção ao marxismo como ontologia, epistemologia e ética. Trabalhos como o de Harvey – *The limits to capital* (1982) – e de Neil Smith – *Uneven Development* (1984) – constituem marcos fundamentais neste processo sendo também importantes as ideias de Lefebvre. Em suma, enquanto a principal crítica da Geografia Radical ao positivismo foi a irrelevância dos principais temas da pesquisa geográfica, a crítica da Geografia Marxista centrou-se no fetichismo espacial, isto é, no facto de a Geografia restringir a causalidade ao domínio espacial.

No capítulo 4 – *Structuralism and Structural Marxist Geography* (pp. 112-146) – o autor discute as ideias estruturalistas e o Marxismo, o modo como se tornaram influentes em França nos anos 50 e 60 e, a partir de meados dos anos 70, também na Geografia Anglo-Americana. Discute a influência de Piaget no livro de Harvey – *Social Justice and the City* – e nos livros de Preteicelle e de Pickvance. A influência do estruturalismo produziu um tipo diferente de Geo-

grafia Marxista, em busca de um maior rigor e coerência teórica. Peet defende que foi através do Marxismo estruturalista que o estruturalismo entrou na Geografia bem como em muitas outras ciências sociais, principalmente através de Louis Althusser no livro *For Marx*, de Manuel Castells no livro *The Urban Question* e através dos trabalhos de Alan Lipietz. A crítica ao estruturalismo marxista levou a uma nova corrente que ficou conhecida como a Escola da Regulação francesa, onde a influência dos escritos de Gramsci está presente. Autores como Aglieta, Lipietz, Boyer são referências importantes nesta abordagem, tal como mais tarde Hirsh na Alemanha, Dunford e Perrons no Reino Unido e Scott e Storper nos EUA. Uma vez mais, também neste caso, Peet passa por cima de referências importantes noutras comunidades académicas, como a Nórdica e a da Europa do Sul, em parte devido ao facto de estarem publicadas na língua nacional desses autores. Na opinião do autor, a obra de referência da Geografia regulacionista é o livro *The Arena of Capital* (1983) de Dunford e Perrons, ao qual se devem juntar os trabalhos de Doreen Massey, Scott e Storper. O caminho estava aberto para o debate seguinte, sobre estrutura e acção individual, no fim dos anos 80 e início da década de 90.

No capítulo 5 – *Structuration, Realism and Localities Studies* (pp. 147-193) – Peet aborda o desenvolvimento da teoria social e sua influência na Geografia nos anos 80 e 90. Embora o Realismo coloque a questão da causalidade em termos do poder dos objectos em relação às estruturas, Peet argumenta que o Realismo tem que ser visto como uma variante do estruturalismo e defende que, quer a Teoria da Estruturação, quer o Realismo, são uma ponte entre o humanismo e o marxismo através do conceito de acção individual («*human agency*»). A teoria da estruturação foi proposta em primeiro lugar por Berger e Luckmann, em 1966, tendo atingido a sua maturidade com Anthony Giddens, Baskar e Bordieu, entre outros. O livro de Derek Gregory – *Regional Transformation* (1982) – e o de Allan Pred – *Place, Practice and Structure* (1986) – são apresentados como exemplos desta abordagem. A insatisfação com a aplicação empírica da teoria da estruturação foi parcialmente resolvida pelo Realismo, desenvolvido principalmente por Rom Harre e por Roy Bhaskar nos anos 70, e introduzido na Geografia por Andrew Sayer com o seu trabalho *Method in Social Science* (1984). O capítulo termina com a análise dos «*localities studies*», através das obras de Doreen Massey e de Philip Cooke, concluindo com uma resenha das principais críticas.

O capítulo 6 – *Poststructuralism, Postmodernism, and Post-modern Geographies* (pp. 194-246) – está organizado em torno da reacção ao debate entre estruturalismo e localismo. Peet começa por traçar o quadro em que se deu o renascimento das filosofias anti-modernas, de Nietzsche e Heidegger em particular. A lista de protagonistas, no debate do pós-estruturalismo e filosofias pós-modernas, é vasta e inclui, entre outras referências, Foucault, Rorty, Derrida, Deleuze, Guattari, Baudillard e Lyotard. A introdução das ideias pós-estruturalistas e pós-modernas na Geografia deu-se, uma vez mais, tardiamente, principalmente através da obra de Dear, Soja e Harvey, nos anos 80. Em con-

clusão, para Peet, enquanto o pós-estruturalismo preserva muitos aspectos do pensamento moderno, o pós-modernismo, por comparação, destaca-se completamente do projecto da modernidade de uma humanidade perfeita.

O capítulo 7 – *Feminist Theory and the Geography of Gender* (pp. 247-291) – analisa o pensamento feminista e o seu impacto na Geografia, dentro do contexto mais amplo das ideias filosóficas e práticas políticas dos movimentos sociais e é, talvez, a parte menos fácil do livro de Peet. O capítulo acrescenta novas informações, geralmente ausente nos livros recentes sobre a história do pensamento geográfico. Peet começa por fazer uma apresentação da Geografia Feminista, contextualizando-a, desde o início associada à Geografia Radical, até ao feminismo pós-moderno ou feminismo pós-racional. A Geografia Feminista, tal como Peet mostra, é uma área da disciplina sujeita a grandes mudanças e desenvolvimentos, protagonizados sobretudo por mulheres geógrafas, e ainda sem um corpo teórico autónomo.

Em conclusão, se é claro que o livro é um contributo muito qualificado para o debate sobre o pensamento geográfico contemporâneo, também não há dúvida de que a contribuição dada acerca do *background* filosófico de cada uma das abordagens geográficas, bem como a contextualização das abordagens mais recentes, são os contributos mais inovadores do livro de Richard Peet. Não obstante, há alguns pontos menos fortes que importa referir. O primeiro, já mencionado, é o facto de o livro sobrevalorizar a geografia Anglo-Americana referindo muito poucas obras de autores de língua francesa, excepto de outras disciplinas que tiveram influência directa na emergência de novas abordagens teóricas na Geografia, já para não mencionar outras comunidades académicas de geógrafos na Europa. É sem dúvida uma pesquisa bem informada e muito útil sobre o desenvolvimento do pensamento geográfico no período mais recente, constituindo, por isso, um dos melhores contributos até agora publicados para a história do pós-positivismo na Geografia Humana. Em suma, trata-se de um livro cuja consulta deve ser vivamente recomendada não só a estudantes em fase de iniciação, ainda que o livro pressuponha um conjunto vasto de conhecimentos sobre a disciplina e sobre filosofia, mas também a investigadores e outros profissionais, na Geografia e noutras disciplinas das ciências sociais.